

# DA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA À TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO SOBRE MARSHALL MCLUHAN

**Luís Antonio Groppo**

O artigo discute como, na obra de McLuhan – em destaque *A Galáxia de Gutenberg* –, as transformações na tecnologia midiática redundam em transformações correlatas na sociedade, na cultura e no caráter do ser humano. Destacam-se três momentos históricos principais: a Idade Média, o Renascimento e o século XX. Procura-se discutir o caráter instigante, ainda que várias vezes contraditório, das teses sobre a revolucionarização das culturas a partir da inovação midiática, através da mutação na relação entre os sentidos humanos. O texto pretende ser principalmente uma introdução geral para a leitura das obras de McLuhan, ainda que faça uma análise crítica da tese da “aldeia global” e da diferença entre “meios quentes” e “meios frios”.

## **Palavras-chave**

Marshall McLuhan

Revolução tecnológica

Tecnologias da comunicação

Revolução Cultural

**Luís Antonio Groppo** é Doutor em Ciências Sociais pela Unicamp. Professor do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário Salesiano de São Paulo/ Unidade Americana. É autor de *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*, Rio de Janeiro: Difel, 2000.

**Endereço:** Avenida Armando Césare Dedini, 1155

**Telefone:** (19) 34232072

**E-mail:** luis.groppo@am.unisal.br

## DA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA À TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO SOBRE MARSHALL MCLUHAN<sup>1</sup>

*Luís Antonio Groppo<sup>2</sup>*

Neste texto, tenho a intenção de discutir como, na obra de McLuhan – em destaque *A Galáxia de Gutemberg* –, as transformações na tecnologia midiática redundam em transformações correlatas na sociedade, na cultura e no caráter do ser humano. Destacam-se três momentos históricos principais: a Idade Média, o Renascimento e o século XX. Esta escolha justifica-se pelo apelo crucial destes momentos históricos do mundo ocidental nos escritos de McLuhan, em busca da comprovação de suas teses.

### **“O meio é a mensagem”**

Partamos da tese mais afirmada pelo pensador canadense: as tecnologias são extensões do ser humano. Na verdade, McLuhan caracteriza cada fase histórica de acordo com o recurso tecnológico mais característico desta fase – sociedade, cultura, política e caráter humano parecem moldar-se de acordo com a natureza desta tecnologia. A importância das idéias de McLuhan para a comunicação social é que o autor toma como cruciais, dominantes ou mais características da tecnologia de cada era, justamente a tecnologia empregada para a comunicação. Desta maneira, a história do mundo ocidental será dividida em: era da cultura oral, era da cultura manuscrita, era da cultura tipográfica e era da cultura elétrico/eletrônica.

O problema mais evidente desta concepção centrada na técnica é o fato de eleger esta como determinante das transformações socioculturais quando, na verdade, a tecnologia “evolui” muitas vezes de acordo com novas necessidades sociais, políticas, econômicas etc. O principal ponto positivo, no entanto, de McLuhan, é nos alertar sobre as conseqüências não esperadas das transformações tecnológicas.

De qualquer forma, podemos analisar a obra de McLuhan considerando suas assertivas, muitas vezes de caráter quase dogmático e profético, mais como um ponto de vista diferente sobre a história da civilização, a partir do viés do impacto não esperado

<sup>1</sup> Artigo produzido a partir de texto destinado aos alunos do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário Salesiano de São Paulo/ Unidade Americana, para a disciplina “Teoria da Comunicação”.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Unicamp. Professor do Programa de Mestrado em Educação e dos cursos de Serviço Social e Turismo do Centro Universitário Salesiano de São Paulo/ Unidade Americana.

das novas tecnologias sobre a vida dos homens que as criaram. Para McLuhan, há uma grande contradição na obra humana: os seres humanos esforçam-se para desenvolverem-se, criando tecnologias que viriam expandir seus sentidos e lhes dar maior poder de conhecimento; porém, a primeira e principal consequência destes esforços é justamente a quase inconsciência dos criadores sobre os efeitos e significados mais importantes destas novas tecnologias.

Retomemos. A tecnologia é tida com extensão do ser humano. Armas, automóveis, aviões, ferramentas, máquinas e computadores são concebidas como prolongamentos de braços, pernas, músculos e do cérebro humano. No caso da tecnologia midiática, ou comunicativa, é vista como extensão de um sentido humano: manuscritos, livros impressos, cinema, telefone, telégrafo, rádio, televisão, Internet etc. prolongam ouvido, visão e tato humanos.

Ao ser criada, uma nova tecnologia terá como primeira e principal consequência a transformação do próprio ser humano, graças à interiorização desta tecnologia. McLuhan considera os meios tecnológicos como “ativos processos que modelam pessoas”.<sup>3</sup> Esta interiorização – ou seja, o fato da nova tecnologia entrar nos hábitos do ser humano – produzirá uma nova relação entre os sentidos humanos e, desta forma, provocará a mudança dos processos mentais. De roldão, relações sociais, cultura, política, arte, direito e até a economia serão revolucionados com esta interiorização tecnológica e a recriação dos processos mentais dos indivíduos.

Tudo isto levou McLuhan a reafirmar sua famosa frase: “o meio é a mensagem”. Talvez a mais famosa epígrafe do campo da Comunicação Social no século XX, rivalizando com outra expressão do mesmo McLuhan, a “aldeia global”, a frase tem dois significados. O primeiro é sobre os efeitos no ser humano de uma nova tecnologia. O segundo é o fato de que o conteúdo de um meio é sempre outro meio.

McLuhan refuta a tese simplória de que as tecnologias são, em si mesmas, neutras, e o que importaria, sim, é o uso feito delas. Para McLuhan, esta tese não percebe os efeitos sociais e culturais da troca de uma tecnologia convencional por outra nova. O principal “conteúdo” ou mensagem de uma nova tecnologia midiática, de um “meio”, é, na verdade, a transformação na cultura, na sociedade e no indivíduo que a essência formal deste “meio” carrega, independente do seu conteúdo aparente. Ou seja, McLuhan não se preocupa com os “conteúdos” manifestos que os meios carregam, mas

---

<sup>3</sup> Marshall McLuhan. *A galáxia de Gutenberg. A formação do homem tipográfico*, São Paulo: Cia Ed. Nacional e EDUSP, 1972, p. 15.

sim com a própria forma tecnológica destes meios e como eles interagem com os sentidos humanos. Para ele, é falaciosa a frase que diz que “a tecnologia não é boa ou má em si mesma, mas dependendo do uso que se faz dela”. Seria o mesmo que se perguntar se uma torta de maçã ou uma arma são “bons” ou “maus” em si mesmos... Pela própria imposição dos meios aos indivíduos, quanto mais os homens estão imersos nos novos meios, menos eles serão capazes de perceber a influência decisiva destes no modo de pensar e sentir dentro desta sociedade. Na verdade, para o autor, a luta do homem para controlar os efeitos das novas tecnologias sempre foi em vão, tendo o homem que aceitar até com docilidade os novos meios e seus impactos na cultura, na sociedade e, antes de tudo, na organização de seus sentidos e dos seus processos mentais.

Por outro lado, um outro sentido da frase “o meio é a mensagem” refere-se ao fato de que, sempre para McLuhan, o “conteúdo” de um meio é um outro meio. A escrita carrega a fala, a imprensa carrega a escrita e o telégrafo traz a palavra impressa, do mesmo modo que um filme pode trazer uma peça de teatro como “conteúdo”.

### ***Meios quentes e meios frios***

Outro importante princípio para se entender as idéias de McLuhan, do qual já percebemos sinais de audácia e até de extravagância, é a sua diferenciação entre “meios quentes” (*hot media*) e “meios frios” (*cool media*). A analogia com a temperatura acaba causando para os leitores em língua portuguesa certa confusão. É que na língua e cultura derivados da cultura ibérica, “quente” combina com calor e contato humano, com sentimentos plenos e afetividade, enquanto “frio” costuma indicar ausência destas qualidades. No entanto, na definição de McLuahn, os sentidos acabam sendo até opostos ao que esperaríamos. Os termos “hot” e “cool” (e não “cold”) aproximam-se àqueles usados para o jazz: o *hot jazz* é mais nervoso, ágil, carregado de acordes e solos muito sincopados; o *cool jazz* trabalha mais com o contraste entre o silêncio e acordes e notas economicamente citados.

Outra fonte de confusão é que McLuhan algumas vezes utiliza os conceitos “frio” e “quente” como categorias contrapostas, outras vezes como termos comparativos. Assim, de modo categorial, às vezes aparecem o rádio, cinema, fotografia e a escrita alfabética como meios quentes, enquanto telefone, televisão, desenho animado e escrita ideográfica aparecem como meios frios. Outras vezes, de modo

comparativo, o ideograma é tido como mais frio que o manuscrito alfabético, e o manuscrito como mais frio que a escrita impressa.

Quatro características principais diferenciam meios quentes e meios frios:

<b>Meio quente</b>	<b>Meio frio</b>
Prolonga um único sentido (Sensualismo)	Utiliza ou prolonga mais que um sentido (tende à Sinestesia)
Tem “alta definição”, ou seja, possui grande saturação de dados	Tem “baixa definição”, ou seja, utiliza pouca quantidade de informação.
Deixa pouco a ser completado pela audiência	Muita coisa precisa ser preenchida pelos sentidos e até o consciente da audiência
Permite menor participação da audiência, que tem que perseguir o sentido atribuído pelo criador	Permite maior participação da audiência, que tem que completar o sentido apenas indicado pelo criador
Produz a fragmentação e a especialização na sociedade, ou seja, causa a sua “destribalização”.	É mais inclusivo e integrador, permitindo a “retribalização” da sociedade.

Na relação com os sentidos humanos, os meios quentes tendem a privilegiar um único sentido: o livro impresso prolonga a visão, o rádio a audição, a fotografia a visão etc. Neste prolongamento, uma torrente enorme de dados ou informações saturam um único sentido – como as palavras que jorram dos livros impressos, ou os fotogramas no cinema. No limite, dado o excesso de dados remetidos pelo meio a um único sentido, o meio quente provocaria a “hipnose”. De certa forma, os indivíduos e sociedades submetidos aos meios quentes são ao menos em certo grau “hipnotizados”. Pouco é deixado para o receptor complementar, ao contrário, é o receptor que deve se esforçar para conseguir absorver a enorme quantidade de dados advindos dos meios quentes. No caso de um meio quente como o livro impresso, que advoga uma incessante concentração do leitor e prolonga ao extremo o sentido da visão, os demais sentidos passam a ser secundários ou tendem a ser julgados pelo sentido predominante, ou seja, pela visão. O domínio de um único sentido, como no caso da cultura tipográfica, produz uma situação de Sensualismo, no entender de McLuhan. Veremos que McLuhan caracteriza a Era moderna (séculos XV a XIX, do Renascimento à Revolução Tecnológica) como uma era dominada pelo “sensualismo”, uma época dominada pelos meios quentes derivados da tecnologia da imprensa.

Na relação com os sentidos humanos, os meios frios tendem a criar situações de Sinestesia, ou seja, exigem que pelo menos dois sentidos trabalhem em níveis similares: a televisão utiliza audição e visão, o manuscrito enfatiza a visão mas também atribui papel ao tátil e ao auditivo etc. A sinestesia também implica em um papel mais ativo do “espectador” diante da mídia fria. Em primeiro lugar, o usuário do meio frio não é mero acolhedor passível de dados, já que eles não estão saturados neste caso, pois eles possuem “baixa definição”. A participação – consciente, sensível, intuitiva e/ou “instintiva” – do receptor é essencial no caso dos meios frios: tem que haver um trabalho da sensibilidade do usuário para compreender as palavras ditas num baixo padrão de definição como o telefone comum; recursos da percepção são essenciais para enxergar, numa TV tradicional, os pontos dispersos pela tela como imagens seqüenciais. Dando maior espaço para a atuação extemporânea – não mais de mergulho à consciência interna –, os meios frios favorecem a “retribalização” dos indivíduos. Os meios frios agem de modo mais inclusivo e integrador, facilitando a formação de “aldeias” humanas, dado que criam seres humanos com sentidos voltados à inter-relação com seus semelhantes. Para McLuhan, vivemos a era dos meios eletrônicos que são, em geral, principalmente no caso da TV, tecnologias frias – portanto, retribalizadoras, tendendo à geração de uma “aldeia global”.

### ***Visão geral da história do mundo ocidental***

Procuraremos esquematizar a visão histórica de Marshall McLuhan sobre o mundo ocidental, num recurso que não respeita totalmente a complexidade do pensamento deste autor, mas que servirá como outra introdução ao seu legado. Deste modo, 4 grandes fases ou eras da história podem ser descritas: cultura oral, cultura manuscrita, cultura tipográfica (mecânica) e cultura elétrico/eletrônica. Podem corresponder a períodos mais comumente descritos da história ocidental, numa perspectiva evolucionista: pré-história, Antigüidade e Idade Média, idade moderna e idade contemporânea. Cada fase cultural é marcada por uma mídia predominante, que insere suas características formais intrínsecas ao caráter humano, à constituição social e à configuração cultural de cada era: oralidade, manuscrito (dividido nas fases ideográfica e alfabética), livro impresso e meios eletrônicos (como a TV). O surgimento de cada uma destas mídias marca o início de uma nova era cultural: a invenção do alfabeto marca a verdadeira passagem para a cultura manuscrita, a chegada da imprensa na Europa (por Gutemberg, em 1453) marca o advento da era moderna e o surgimento

dos primeiros meios elétricos, no final do século XIX (no início da Revolução Técnico-Científica), marca o início da era contemporânea (para alguns, “pós-moderna”).

Fazendo jus ao pensamento de McLuhan, a chegada de uma nova tecnologia nunca implica numa imediata adoção desta de modo geral, nem a extensão instantânea de seus efeitos sociais, culturas e psicológicos a todos. Há longas e complexas fases em que duas tecnologias, civilizações e culturas convivem contraditoriamente, até que a segunda tecnologia, enfim, supera a tecnologia mais antiga.

Em *A galáxia de Gutenberg*, a grande preocupação de McLuhan é descrever a longa predominância da “visão” como sentido predominante no indivíduo e sociedade ocidentais. A oralidade – e, portanto, o sentido da audição – marcou a humanidade por um longo período, a “pré-história”. A invenção da escrita ideográfica ainda não significara totalmente o findar da cultura oral. Mas, a partir da criação do alfabeto, temos uma longa e complexa história em que o sentido da visão vai pouco a pouco preparando seu domínio. Enfim, com a invenção da tipografia de Gutenberg, configura-se a “galáxia de Gutenberg” em torno das características intrínsecas a um meio quente que se estabelece como extensão do olho humano, o livro impresso.

Livro impresso, pintura renascentista (que utiliza a perspectiva matemática, ou seja, a ilusão da terceira dimensão num meio que, fisicamente, é só capaz de suportar duas dimensões), jornal, fotografia e cinema são, respectivamente, meios gerados a partir do princípio do sensualismo da visão. A era moderna foi a era da imprensa, da predominância do visual e, enfim, do processo mental imediatamente dependente da perspectiva visual – a razão.

Um outro ponto interessante – em que o próprio McLuhan parece oscilar, indeciso – é que também a era da cultura oral é às vezes definida como “sensualista”, predominando não a visão, mas a audição. Cada qual ao seu modo, tanto o primitivo quanto o homem moderno seriam, no limite, “hipnotizados”. Neste mesmo rumo, a era da cultura manuscrita – principalmente a Idade Média – parece ser realmente a era da Sinestesia. Deste modo, entre a cultura quente dos primitivos e a cultura quente dos modernos, aparece a cultura fria do manuscrito medieval (em que tato, visão e audição precisam complementar-se). Por outro lado, às vezes McLuhan parece considerar o prolongamento da audição como um meio frio, dado que a audição permite uma menor saturação de dados do que a visão e, deste modo, a cultura primitiva e oral acaba aparecendo como mais fria do que a cultura manuscrita, em que a presença do alfabeto teria “esquentado” a civilização. A linearidade – uma perspectiva evolucionista, do

predomínio paulatino da visão e da racionalidade na cultura ocidental – justapõe-se, nem sempre de modo convincente, à circularidade – do sensualismo (cultura oral) à sinestesia (Idade Média), depois, o retorno do sensualismo (com o renascimento) e uma nova era sinestésica (a cultura eletrônica da era contemporânea). Por conta desta relativa duplicidade, às vezes a era eletrônica é comparada com a cultura oral; outras vezes, com a Idade Média. Tal contradição torna, por um lado, mais difícil acompanhar o pensamento do autor em *A galáxia de Gutemberg*, mas, por outro, torna mais intrigante e instigante a leitura deste. De qualquer modo, a idade moderna – e a “galáxia de Gutenberg” – é a mais decididamente caracterizada, e, inclusive, intensamente criticada por McLuhan, que não se cansa de lastimar os excessos do racionalismo, do individualismo e da massificação que acredita terem sido produzidas pela mídia tipográfica.

McLuhan faz de *A galáxia de Gutemberg*, um pouco nos moldes de Walter Benjamin<sup>4</sup>, um exercício da engenharia de citações – o próprio livro é uma “galáxia” de citações de fontes múltiplas, inusitadas e surpreendentes. A justaposição delas, às vezes mais que os comentários de McLuhan, constroem os momentos mais interessantes do livro, ao mesmo tempo em que lhe dão um certo tom “pós-modernista”.

### ***A era da cultura manuscrita***

Para McLuhan, a cultura escrita (inicialmente a manuscrita, mais principalmente a partir da invenção da imprensa) é responsável por uma série de transformações na civilização ocidental, moldando mesmo a modernidade: isolou os sentidos entre si, dotando cada qual de sua própria intensidade, racionalidade e irracionalidade, deixando de considerar a integração entre os sentidos como valor desejável e elegendo a visão como o sentido mais importante; separou e isolou entre si a razão e a paixão, racionalidade e sentimento, consciência e emoção, cálculo e desejo; realizou a separação entre senso comum e razão individual; criou a perspectiva matemática na pintura, um recurso que sobrevaloriza a visão ao criar a ilusão da terceira dimensão em um meio bidimensional; construiu uma concepção uniforme do espaço e do tempo; elegeu como recurso explicativo o princípio mecânico da abstração, ou seja, a redução dos fatos complexos às suas unidades menores homogêneas (como átomos, força

---

<sup>4</sup> Principalmente nos seus textos que compoariam o *Trabalho das Passagens*. Ver, por exemplo: Walter Benjamin. “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”, In: Flávio Kothe (org.). *Walter Benjamin*, São Paulo: Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais, p. 45-122, 1985b.



gravitacional, células etc.); criou o individualismo competitivo, a impessoalidade e o centralismo político etc.

A criação do alfabeto – e a alfabetização do homem, que se torna assim “civilizado” – realiza a passagem do mundo mágico da audição para o mundo neutro da visão. O homem primitivo e sem a escrita alfabética concebia o mundo como ressonante, mágico e de relações simultâneas entre seus elementos componentes, explicando-o de modo integrado e com o recurso da magia – as próprias palavras faladas tinham poder mágico-ritual, fazendo com que o ouvido fosse o mais importante órgão de recepção.

Já o alfabeto separa em dois mundos diferentes o pensamento e a ação, pois a escrita fonética separa o significado do som, transformando o som em código visual. O homem civilizado vê os valores visuais como prioritários na organização do pensamento e ação – foram, aliás, os gregos antigos quem elegeram o pensamento racional e as palavras escritas (signos visuais) como caminhos únicos para a verdade, considerando o sensorial e emotivo como ilusórios. Pouco a pouco, historicamente, a escrita alfabética vai silenciar a voz, dado que ela permite que os olhos, na leitura, sejam bem mais rápidos que a fala – mas o silenciamento total da leitura só ocorrerá após a invenção do livro impresso.

O alfabeto, em si mesmo, é uma criação altamente abstrata, por ser constituído de signos fonéticos (as letras) – símbolos sem significados que representam um som também sem significado. Portanto, a alfabetização pode gerar um indivíduo letrado capaz de realizar profundas abstrações – o homem é arrancado do espaço e tempo sagrados primitivos para o espaço e tempo profanos, civilizados e pragmáticos. É que o civilizado e letrado ostenta a pretensão de tudo poder representar visualmente, num único plano linear e seqüencial (algo que será radicalizado com a invenção da imprensa): sons, impressões, opiniões, culturas estrangeiras, imagens, quantidades, valores etc.

Apesar da grande transformação advinda com a invenção do alfabeto, a cultura manuscrita ainda era muito auditiva e tátil em relação à palavra impressa. Permitia e necessitava ainda da empatia e de mais do que um único sentido – não apenas visão, mas também audição (pois o manuscrito, em geral, só adquiria significado quando lido em voz alta) e o tato. Deste modo, construiu-se, na fase manuscrita, uma cultura sinestética, capaz de propiciar a integração dos sentidos.

No tempo de Aristóteles, o mundo grego passa a adquirir o hábito de ler. Mas isso era, e será até o final da Idade Média, necessariamente feito em voz alta. É que os textos manuscritos, inclusive os medievais, não possuíam outros recursos visuais além das letras: não tinham separação entre as palavras, pontuação e nem mesmo gramática rígida – para se compreendê-los, era necessário uma relação tátil com um texto único (pois nunca uma “cópia” era idêntica a outra, e nem havia o senso de “originalidade”) e, principalmente, ler em voz alta era quase imprescindível para se encontrar significado no manuscrito – o que criava a sinestesia. O tato também era intensamente favorecido, na Idade Média, além do contato das mãos com o manuscrito, pela grande presença de gravuras, miniaturas e formas instigantes e únicas assumidas pelo estilo das letras.

Um elemento complementar, mas revelador da cultura manuscrita, era a catedral medieval. Dado que a grande maioria das pessoas, inclusive os nobres, não sabia ler – virtude quase que exclusiva do clero –, a catedral funcionava como um “livro do povo”, a ser lido de modo análogo ao manuscrito, incluindo a ajuda da memória (pois o homem simples rememorava as histórias sagradas conhecidas ao relê-las nas pinturas e esculturas da igreja).

Por outro lado, os manuscritos estavam longe de ser livros uniformes, baseados num original padrão – isto só acontecerá a partir da invenção da imprensa. No século XII, quando ressurgem as universidades na Europa ocidental, os ditados eram a forma mais comum de aula: os alunos anotavam o que era ditado pelo professor, cada qual ao seu modo, e os livros daí resultantes iriam fazer parte do acervo das bibliotecas dos mosteiros aos quais os alunos iriam se destinar. Havia, então, a possibilidade de existirem muitas versões manuscritas de um mesmo texto, autor ou aula. Na verdade, o livro na Idade Média não era visto como a idéia de um autor, mas parte de um grande corpo de conhecimentos. A própria Bíblia, durante a Idade Média, não tinha um caráter homogêneo e uniforme.

Escrever, para o estudante medieval, era aprender a ler em voz alta também. Os estudantes, em geral, entram nas universidades entre 12 e 14 anos de idade, pois era aí que iriam aprender o alfabeto latino, ler e escrever – não havia ensino organizado fora da universidade. O método do ditado, usado pelos professores, era vagaroso e prevaleceu até o século XIII quando, diante do aumento do número de manuscritos à disposição, alguns professores passaram a usar o método mais rápido da exposição – o que gerou muitas reações contrárias dos estudantes.

O estudante medieval era redator e editor dos livros que lia – também, a lentidão do método do ditado permitia aos alunos criarem seus próprios textos complementares. Como havia poucos livros disponíveis, pelo menos até o século XII, o ditado de um livro ao aluno pelo mestre era o meio mais barato de conseguir livros e, deste modo, o professor conseguia maior audiência para suas aulas. Quando fazia os exames, o aluno tinha que apresentar os livros que lhe pertenciam, o que era um critério de avaliação. Mesmo alguns alunos utilizaram seus manuscritos com fins comerciais. Neste método, os alunos também iam aprendendo a escrever correta e legivelmente, ainda que as gramáticas existentes preocupavam-se sobretudo com a fala correta do latim, mais do que com a sua escrita. Porém, não era um método meramente repetitivo, dado que os professores acabavam ditando também comentários próprios que vinham renovar as matérias. Também, os professores muitas vezes condensavam ou adaptavam manuscritos antigos às suas aulas. Por fim, os valores maiores no entender da cultura medieval estavam relacionados com a fala: eloquência, conhecimento em ação, oratória e retórica.

Quanto à literatura, tanto na Antigüidade quanto na Idade Média, era costume a leitura pública em voz alta como forma de propagandear os livros, como atualmente fazem artistas da música *pop*. Ao lado do exemplo das universidades medievais, o exemplo da audiência da literatura manuscrita comprova que, na era da cultura manuscrita, ainda era forte a oralidade, exercitada para e com pequenos grupos. A literatura medieval pode ser comparada com *shows* de TV ou audiências do cinema de hoje, um entretenimento em auditórios que ouviam leituras de obras. Se a poesia clássica era feita para a leitura pública, também a prosa clássica preocupava-se muito com a sonoridade das palavras.

Hoje, ao contrário da era do manuscrito, se vamos ler um livro, sentamos sozinhos e o lemos em silêncio compenetrado. Não percebemos que, ao ler, fazemos a reconversão do visual ao auditivo. O leitor moderno, ao contrário do leitor medieval, passa os olhos pelas páginas e recolhe idéias num rápido relance dos olhos. Já o leitor medieval não realizava uma associação imediata, “instintiva” ou instantânea entre som e imagem da palavra, mas, por outro lado, retinha mais na memória poemas e obras as quais declamava ou copiava, em semelhança ao iniciante de hoje na leitura, que soletra as palavras e se relaciona com as palavras como se cada uma fosse um ser próprio.

Na verdade, em sua maioria os “leitores” medievais eram ouvintes – um grupo de pessoas quase sempre ouvia a leitura de um outro, leitura que tinha que ser lenta e

segundo regras da oratória e retórica. McLuhan descreve o leitor de manuscritos medieval como alguém que lia com os lábios, ouvia o som das palavras e só depois refletia e “traduzia” o que ouvira. “Ler” no sentido medieval era *legere*, ou seja, “ler em voz alta” – ação que envolvia uso de todo o corpo, como o cantar ou o declamar. A leitura era vista também como exercício físico, recomendada até mesmo por médicos. Ler, ou *legere*, levava à “meditação” (*meditatio*), ou seja, à memorização muscular e auditiva do texto lido – ler chegou a ser comparado, na Idade Média, com o ato de “mastigar” a comida. A meditação envolvia “pesar” o sentido de cada palavra e a leitura era tida como uma espécie de prece ou oração.

### ***A “Galáxia de Gutenberg”: a era da cultura tipográfica***

Os séculos XV e XVI assistiram, na Europa Ocidental, a ocorrência de uma série de processos sociais que transformaram a face deste território e prepararam o advento da civilização moderna: crise do feudalismo, surgimento dos Estados Nacionais, monarquias absolutas, capitalismo comercial (mercantilismo), Grandes Navegações, colonização da América e o Renascimento. McLuhan destaca este último evento e, entre ele, a invenção da imprensa tipográfica por Gutemberg, em 1453, como determinantes das transformações psico-sociais que geraram o mundo moderno. Talvez fosse mais interessante tomar o relato de McLuhan como um diferente ponto de vista sobre o advento da modernidade, centrando seu relato no livro impresso e sua correlação com outras transformações sociais, culturais e políticas. De qualquer modo, a reconstrução histórica de McLuhan é bastante estimulante.

Apesar da tipografia de Gutemberg não ser exatamente a invenção da imprensa – pois ela já existia há vários séculos na China –, ela adquiriu um sentido novo na Europa Ocidental. Em primeiro lugar, o livro impresso era o primeiro bem de consumo, ou mercadoria, uniformemente reproduzível. A tipografia moderna era a primeira linha de montagem e a primeira produção em série da história da humanidade. Tratava-se do primeiro efeito da incipiente mecanização na civilização européia (pois a era da tipografia também foi a era da tecnologia mecânica): a tipografia mecanizava a arte do escriba e do copista, era a primeira redução do trabalho artesanal a um trabalho mecânico, a primeira vez em que movimentos humanos eram reduzidos em uma série de ações menores. O trabalhador da manufatura ou da indústria deve obedecer a instruções convencionais e participar de um processo de produção em ordem linear, através de movimentos musculares pré-determinados: e isto se deu pela primeira vez na tipografia.

No início da imprensa, o número de exemplares impressos por obra não era mais do que mil – quase o mesmo das edições manuscritas. Mas, entretanto, havia ocorrido uma mudança fundamental: cada exemplar impresso era exatamente igual ao outro. A impressão foi o primeiro processo mecânico moderno, antecipando e tornando possível a ciência e a tecnologia, “pois todas elas dependem, primeiro ou finalmente, de informações transmitidas por enunciados pictóricos ou visuais exatamente repetíveis ou reproduzíveis”.<sup>5</sup>

O consumo do livro impresso é diferenciado do manuscrito. O livro impresso permite grande velocidade na leitura, quando o leitor pode e deve acompanhar o raciocínio do autor. O livro impresso traz uma sucessão em série de instantâneos (imagens estáticas): o leitor vê as letras desfilarem na sua frente numa velocidade extrema que o permite absorver o pensamento da mente do autor; o leitor pode seguir o mesmo ritmo do autor com a leitura visual. Na era da impressão, não se lê mais em voz alta e o leitor passa a estar “nas mãos” do autor. Um livro impresso utiliza tipos uniformizados (letras em estilo convencional), apresenta-se como um espaço homogêneo em que, pela primeira vez, poder-se-ia fazer a passagem imediata, mental e “instintiva”, da letra (signo visual) à idéia, sem a necessidade de codificar o signo visual (a palavra) em um som.

Tal característica intrínseca do impresso, no entender de McLuhan, criou hábitos lineares e regulares de leitura e, em seguida, na verdade, hábitos lineares e regulares em todas as ações e relações humanas na modernidade. A homogeneização pelo visual das experiências relegou o auditivo e o tátil a um segundo plano e, finalmente, cria a pretensão no homem moderno de conquistar a certeza através do raciocínio.

No fundo, para McLuhan, a cultura impressa torna o homem moderno num ser “grosseiro”, dado que este troca a experiência totalizante dos sentidos e sensações pela redução da experiência humana válida a um único sentido, a visão, e a uma única qualidade mental considerável, o raciocínio. A imprensa acentuaria exageradamente o sentido da visão, isolando-a dos demais sentidos. A visão baseia-se na perspectiva, continuidade, uniformidade e conexão como forma de organizar o tempo e espaço. Surge, com o sensualismo visual, a concepção de que o texto deve ser lido em seu sentido literal, não mais alegórico ou aberto a interpretações: cria-se o ponto de vista fixo na leitura, ou seja, o ponto de vista do próprio leitor individual.

---

<sup>5</sup> Ivins apud Marshall McLuhan. *A Galáxia de Gutemberg*, op. cit., p. 119).

A era moderna torna-se a era do conhecimento aplicado que busca (re) traduzir todas as experiências culturais, por séculos acumuladas, em termos visuais – cria-se a paixão por visualizar o conhecimento. Todo o mundo poderia ser lido, visualizado e compreendido a partir do ponto de vista do homem individual – o crivo da razão linear do indivíduo moderno deveria ser capaz de chegar à certeza e à verdade única sobre cada aspecto do universo.

A pintura e a escultura em relevo logo se transformaram por conta desta adoção, através da tipografia, do ponto de vista fixo do leitor, do perspectivismo. A pintura renascentista primou não apenas pela redescoberta do corpo humano e pelo detalhismo, mas pela preocupação em criar obras que fossem verdadeiras telas abertas segundo o ponto de vista fixo do espectador individual. Assim como a visão humana, também a tela é plana e bidimensional – deste modo, o sentido tridimensional tem que ser construído como uma abstração, como uma distorção da realidade tridimensional que deve ser adaptado ao sentido visual bidimensional.

Na Idade Média, destacava-se nas artes plásticas o mosaico bidimensional, representante sincero de um mundo tido como multidimensional e multisensorial. Mas, diferente da pintura medieval, que não se preocupava muito com a ilusão do espaço tridimensional, a pintura renascentista cria a perspectiva matemática e, ao lado de outras técnicas já conhecidas, como o esboço e a modelação, compõe *flashes* instantâneos do mundo real a partir da sucessão de planos horizontais, da ilusão de profundidade e da solidez das formas. Esta “distorção” ou ilusão de ótica torna-se, desde então, pelo menos até o cubismo (no início do século XX), verdadeira exigência básica das artes plásticas ocidentais: a representação do mundo deveria tomar como base o ponto de vista fixo do indivíduo.

Também o Renascimento cria a idéia do autor – seja o escritor do livro, seja o artista plástico. A tipografia traz o fim do anonimato do autor – a primeira forma de individualismo moderno parece ter sido possível com os artistas e autores renascentistas: fenômeno esboçado com Giotto, ainda no século XIII, que atinge o auge com os artistas renascentistas italianos, como Da Vinci, Michelangelo, Rafael e Ticiano. A cultura, arte e literatura, abre-se como oportunidade para dar vazão ao indivíduo moderno, como meio de produzir fama e perpetuar o nome, como forma de propagação da imagem de um homem em particular. Na Idade Moderna, o autor torna-se alguém de prestígio, a exercer fascínio aos demais indivíduos em busca de fama. A Renascença é a era dos autores e artistas megalomaniacos, ao mesmo tempo em que surge a

preocupação com a autenticidade – nesta nascente “cultura orientada para o consumidor”, torna-se essencial o “rótulo” (a autoria) do produto comprado.

A cultura manuscrita era orientada para o produtor, ou seja, o conjunto dos leitores e o conjunto dos escritores de livros manuscritos praticamente coincidiam. O próprio ato de criação era coletivo. Havia pouca preocupação com a autoria ou a identidade do verdadeiro autor de um texto ou citação. Entre o pequeno público das obras, a leitura e circulação dos textos era lenta. Na verdade, era nesta circulação que as obras iam sendo criadas, tornando-se obras de construção em mosaico – ou seja, cada novo leitor ou copista ia acrescentando e até retirando trechos. Os manuscritos eram, em geral, trabalhos coletivos de copistas, bibliotecários, iluminadores e usuários. Havia mesmo certa confusão entre a idéia de autoria e o ofício do copista. Inclusive, muitos livros manuscritos eram compostos por diversas obras afins.

A Renascença, criadora do livro impresso, foi um período em que duas tecnologias e formas culturais conviveram: a cultura manuscrita/ artesanal e a cultura tipográfica/ mecânica. Todo período que assiste o nascimento de uma nova tecnologia reage, num primeiro momento, contra estes novos meios a partir de padrões culturais tradicionais e comportamentos mais adaptados aos antigos meios. Ao mesmo tempo, porém, há uma aquisição subliminar dos novos meios e dos novos padrões culturais e comportamentais derivados das características intrínsecas dos novos meios. Assim, nos primeiros séculos da Revolução Tipográfica, o “conteúdo” manifesto dos livros impressos continuou sendo em grande parte de origem medieval – desta forma, o conhecimento dos conteúdos da cultura manuscrita medieval tornou-se mais ampliado e “massificado” do que na própria Idade Média (um fenômeno similar, recentemente, seriam as televisões transmitindo antigos filmes cinematográficos). Na Renascença, os livros com conteúdo “medieval” tornam-se bem portáteis e acessíveis, propriedade individual e de leitura mais simplificada que a dos antigos manuscritos. Ganham muito público, ao lado da Bíblia, obras de leitura mais fácil: romances de cavalaria, almanaques (calendários) e livros de oração ilustrados.

Se os conteúdos manifestos da Revolução Tipográfica pouco se diferenciavam dos assuntos dos manuscritos medievais, contudo, na forma de consumo – a leitura silenciosa individual de bens portáteis – a revolução das sensibilidades será estrondosa. É aqui que se torna presente a “mensagem” mais poderosa deste novo “meio”. Os livros impressos são confeccionados com homogeneidade linear. Da homogeneidade da página impressa logo se passa à visão em perspectiva e, enfim, à pretensão da palavra impressa

em estudar, decifrar e encontrar a verdade sobre todos os demais aspectos da vida cultural e social. A perspectiva visual e a razão individual crêem-se capazes de em tudo poderem encontrar a certeza absoluta.

A forma como a palavra impressa passou a moldar a informação e o conhecimento passa a ser a forma com que o homem moderno lida e manipula com todas os demais aspectos da sociedade, “inclusive nós mesmos”.<sup>6</sup> O controle e processamento de forma homogênea, linear e visual do conhecimento – possível primeiro com o alfabeto, mas principalmente com a impressão – permite acreditar na possibilidade de conquista do controle das forças naturais e humanas. Da Revolução Tipográfica e da remodelação das relações intersensoriais do homem moderno, uma série de outras transformações teria se derivado: nas letras, na economia, no pensamento, na sociedade, comunicação, política, ciências e direito.

Em primeiro lugar, com a tipografia, a comunicação deixa de ser “diálogo” e torna-se primordialmente comércio de informações empacotadas, a partir de um bem móvel e portátil (o livro impresso). A impressão deu origem à economia moderna de mercado e ao sistema de preços, ao criar a primeira forma de mercadoria uniforme, idêntica e com preço único – o livro. Já vimos também que a tipografia foi a primeira manufatura moderna, a criadora da linha de montagem e da redução do trabalho artesanal a uma série de movimentos simplificados, homogêneos e executáveis por uma força de trabalho contratada.

Nas Letras, surge a gramática preocupada mais com a escrita, que passa a indicar os erros de ortografia. Ainda mais importante, as línguas vernáculas (ou seja, as línguas efetivamente faladas pela população, enquanto o clero e grande parte dos manuscritos usavam o latim) passam a ser impressas e, com isto, vão se homogeneizando e dando origem às línguas nacionais. A língua nacional homogeneizada e padronizada torna-se um elemento essencial que permite o aparecimento do nacionalismo.

Já vimos também a relação entre tipografia e individualismo – o leitor moderno passa a exercitar seu ponto de vista fixo e seu raciocínio. O caráter portátil do livro impresso teria sido a primeira grande fonte criadora do individualismo: o livro impresso quebrara o monopólio das bibliotecas e, inclusive, os livros de bolso foram os mais vendidos no início da impressão; criou-se a necessidade de acessar mais fácil e imediatamente o conteúdo dos livros, que agora estavam ao alcance da mão, não apenas guardados na biblioteca. O comércio de livros impressos, desde o seu início, sempre

---

<sup>6</sup> Marshall McLuhan. *A galáxia de Gutemberg*, op. cit., p. 228.



visou o lucro e logo tendeu à estandarização, organizou um mercado consumidor e buscou desde sempre aquilo que “o público quer”. Massificou, relativamente, a escrita no mundo ocidental. Ao mesmo tempo, se 77% dos manuscritos estavam escritos em latim, após a invenção da imprensa a proporção de livros em latim irá cair, passando a ser mais visado o público leigo. A palavra impressa transformara vernáculos em meios de comunicação de massa. Tais vernáculos seriam nas mãos dos governos importantes instrumentos de centralização do poder. Assim, por um lado, se a tipografia criou o individualismo, por outro formou consciências nacionais coletivas, as “nações”. A era moderna e tipográfica também foi a era em que se criaram as “nações”, populações homogêneas que convivem num território contínuo.

Na política vão surgir os Estados e governos centralizadores do poder político, unificando territórios em “nações”, uniformizando as leis, impostos, moeda, medidas e costumes. Mas ao impulso centralizador do Estado, buscando determinar à nação padrões de conduta uniformes, vão reagir os indivíduos, em busca do direito de decisão própria – ou seja, a era tipográfica cria, ao mesmo tempo, o Estado nacional centralizado, o individualismo e a oposição política. Enquanto o Estado busca usar a palavra impressa como forma de administração nacional e dominação, o indivíduo busca a liberdade de informação e de circulação de idéias.

As ciências modernas moldam-se a partir da busca da homogeneização, redução da complexidade e linearidade despertadas com o perspectivismo do livro impresso: busca-se a quantificação exata, elege-se o conhecimento como “fim em si mesmo” e isolado, cria-se o racionalismo matemático, a física newtoniana (baseada em leis gerais, universais e abstratas) e o espaço neutro euclidiano. A sensibilidade euclidiana incentiva a busca da quantificação e da representação do mundo pela matemática e seus números. Ao lado da letra, o numeral também é uma outra importante abstração que gerou o perspectivismo. O número é uma “ficção” – que retrata um espaço visual contínuo e homogêneo – e a geometria cria um mundo racional fictício em que tudo pode e deve ser representado por retas, planos e pontos. A alfabetização – e a conseqüente matematização – do indivíduo moderno cria um mundo pensado de modo linear, plano, reto e uniforme.

No pensamento, o livro impresso, ao isolar o aspecto visual da palavra, permite a ruptura entre a “cabeça” (o espírito, alma ou razão) e o “coração” (sentimentos, paixões e emoções). Uma das marcas do homem moderno é a cisão entre a aparência (gestos externos, contidos, convencionados, racionalizados e civilizados) e a essência (em que

pulsam paixões, desejos e sentimentos). O próprio corpo humano – natural, físico, corpóreo, não-espiritual – passa a ser concebido como instrumento a serviço do espírito do indivíduo, entendendo-se a partir de então o espírito ou inteligência como o raciocínio frio e a mente como uma máquina de calcular e raciocinar, como diz Thomas Huxley em 1868, citado por McLuhan:

Direi que um homem teve educação liberal quando foi de tal forma treinado em sua mocidade que seu corpo se fez o servo dócil de sua vontade, executando com facilidade e prazer todo trabalho de que é, como uma máquina, capaz de fazer; cuja inteligência é um engenho claro, frio e lógico, com todas as suas peças de igual força e em perfeita ordem para funcionar; pronto, como um motor para ser utilizado em qualquer tipo de trabalho.<sup>7</sup>

De modo revelador, a cultura tipográfica, ao criar o alfabetizado (em geral, o homem das classes altas e médias), criou também a imagem do “outro”. O outro era em geral o analfabeto – criança, mulher, primitivo, bárbaro, louco etc. –, tido, ao mesmo tempo, como “irracional” mas também como um ser humano mais “integrado”, pois não separaria paixão e consciência, razão e emoção, visão e demais sentidos. O homem civilizado moderno passa ao mesmo tempo a desprezar e admirar este “outro”, um ser humano não-homogeneizado, integral e mais “natural”. A mulher, para a qual foram atribuídas as características de intuição, integralidade, romantismo e consciência não-fragmentada, em certo sentido, só seria “civilizada”, alfabetizada e incluída no mundo moderno com a cultura de massas no século XX, principalmente através do cinema e das revistas femininas. O cinema e a publicidade teriam realizado, para a mulher, no século XX, o que a tipografia fizera com o homem no Renascimento.

Enfim, um breve comentário sobre o Direito, em que as provas escritas e visuais adquirem proeminência em relação a outras provas. Também, nas leis escritas, busca-se determinar com grande precisão os sentidos dos termos jurídicos, homogeneizando seus significados.

### ***O nascimento da era elétrico/eletrônica***

A física é para McLuhan o campo do saber que ilustra a nascente quebra desta galáxia de Gutemberg, o colapso da civilização tipográfica. O “espaço” na física moderna – euclidiana e newtoniana – era tido como infinito, homogêneo e sem conteúdo; na verdade, uma abstração intelectual, um mundo fictício, homogêneo, contínuo e uniforme; no limite, um espaço vazio, silencioso e aterrador, um recipiente

---

<sup>7</sup> Apud *ibid.*, p. 237.

neutro que servia como “palco” dos fenômenos físicos. Mas Albert Einstein, em 1905, começa a quebrar esta concepção do espaço: o espaço é transformado num outro ator da física, não mais um simples “palco”; isto se dá com a teoria da curvatura do espaço sob a ação da força gravitacional. Para McLuhan, era o fim da Galáxia de Gutemberg. A nova física quebrava a noção de ponto de vista fixo, findava com as especialidades do conhecimento, findava com a forma fragmentada de pensar e com a ilusão do conhecimento isolado.

Se a Renascença viu o confronto entre a cultura manuscrita e cultura tipográfica, entre o pluralismo medieval e a homogeneidade mecânica moderna, a era contemporânea estaria assistindo o confronto entre a decadente cultura tipográfica e a nascente cultura eletrônica, entre a homogeneidade mecanicista moderna e a simultaneidade eletrônica pós-moderna. Para McLuhan, na verdade, as culturas que ainda permanecem mais orais que alfabetizadas, principalmente as do Terceiro Mundo, tendem a receber melhor as tecnologias eletrônicas em relação aos povos alfabetizados. Na verdade, para o autor canadense, a tecnologia eletrônica estaria recriando em nós os processos mentais dos homens “primitivos”, enfatizando a integralidade.

Nas ciências teria se erigido uma nova lógica formal, em substituição à pretensão da verdade absoluta através de leis gerais abstratas típicas da ciência moderna. Trata-se da técnica do “juízo suspenso” – ou seja, o uso de vários modelos de exploração experimental, deixando sempre a possibilidade de refutar uma conclusão construída previamente. Esta técnica permite transcender os limites de nossas suposições imediatas, submetendo mesmo as certezas científicas ao espírito crítico – possibilita-se, deste modo, a vida pluricultural. Para McLuhan, o homem hoje é mais consciente sobre as suas obsessões e as limitações das culturas isoladas e auto-centradas.

Dado que as sociedades letradas ocidentais atuais têm enorme base tecnológica letrada e mecânica, terão elas mais dificuldade e menor criatividade para lidar com as tecnologias eletrônicas. O advento do homem eletrônico, mais auditivo e tátil que o tipográfico, vem se constituindo numa experiência traumática para a civilização ocidental. O homem forjado pela civilização tipográfica é um “bárbaro” diante das novas tecnologias eletrônicas.

Neste ponto, vemos McLuhan contrapor a Era Moderna à Era Eletrônica ou Contemporânea. À era moderna associa: tecnologia mecânica, fragmentação, centralização e superficialização das relações humanas. À era eletrônica, associa:

automação, integralização, descentralização e aprofundamento das relações humanas – no limite, a “aldeia global”. Num primeiro momento, tais efeitos sociais da era contemporânea aparecem como aceleração de tendências da era moderna: se a ferrovia (meio mecânico) acelera o movimento (transformando as sociedades e as noções de tempo e espaço), o avião acelera ainda mais o movimento e acaba por alterar aquele mundo e as concepções criadas pela era mecânica. Se a era mecânica, através da velocidade relativa, é o mundo da fragmentação e homogeneização, a era eletrônica, através da velocidade máxima, é o mundo da simultaneidade, instantaneidade e heterogeneidade. Do mundo seqüencial mecânico, passamos ao mundo simultâneo e instantâneo do eletrônico. A eletricidade finda com a seqüência linear e mecânica, substituindo-a pela instantaneidade. As concepções de mundo da era mecânica associam-se ao seqüencial, à fragmentação e à seriação. Da era eletrônica, o simultâneo, a estrutura e a configuração.

Nesta época de transição, entre o mecânico e o eletrônico, principalmente entre os povos letrados do Ocidente, há uma cisão entre a forma como vivemos (imersos na tecnologia eletrônica, portanto, de modo instantâneo e integral) e a forma como pensamos (ainda segundo o método moderno, ou seja, de modo linear e processual). Ou seja, nossa forma de viver é bastante similar às concepções de mundo dos povos antigos do Oriente, lembrando uma espiral concêntrica, fundamentada na introversão e na busca da totalidade. Mas ainda pensamos de acordo com a era mecânica, ou seja, através de métodos lineares e fragmentários, preocupados sobretudo com o “conteúdo” e não com as formas e a totalidade dos processos.

Uma cultura “primitiva” ou oral em contato com a civilização moderna e tipográfica, tende a se “destrribalizar”:

Uma hierarquia feudal e tribal de tipo tradicional entra rapidamente em decadência quando se defronta com qualquer meio quente do tipo mecânico, uniforme e repetitivo. Enquanto meios, o dinheiro, a roda, a escrita ou qualquer outra forma especializada de aceleração, de intercâmbio e de informações operam no sentido da fragmentação da estrutura tribal.<sup>8</sup>

Por outro lado, uma cultura mecanizada, moderna e “letrada”, constituída a partir de meios quentes e como um mundo individualizado, fragmentado e massificado, tende a entrar em colapso diante das tecnologias da era elétrica/ eletrônica. A velocidade exponencial da tecnologia elétrica – propiciando uma aceleração ainda maior que a dos

---

<sup>8</sup> Marshall McLuhan. *Os meios de comunicação como extensões do homem*, São Paulo: Cultrix, s.d., p. 40.

meios mecânicos – vem fazer com que a civilização moderna se aproxime cada vez mais das comunidades tribais que dissolvera, “retribalizando-se”:

[...] uma aceleração extremamente acentuada, como a que ocorre com a eletricidade, contribui para restaurar os padrões tribais de envolvimento intenso, tal como a que ocorreu com a introdução do rádio na Europa, e como tende a acontecer na América, como resultado da televisão. As tecnologias especializadas destribalizam. A tecnologia elétrica não especializada retribaliza.<sup>9</sup>

McLuhan explica assim porque a arte das vanguardas modernistas, sob o impacto da Revolução Tecnológica, passou a parecer-se cada vez mais com as artes primitivas – muitas vezes, como Picasso em relação à arte africana, esta busca das artes “primitivas” foi intencional. Assim, as vanguardas quebram a necessidade da ilusão da perspectiva tridimensional, tentam captar o sensível de modo mais amplo, integral e sem preocupar-se mais em respeitar as regras estritas do visual. Do mesmo modo, as explicações e visões de mundo na era eletrônica tenderiam também a recriar a forma explicativa típica das sociedades não-letradas, a saber, o “mito”. O mito é uma representação instantânea de um processo complexo e longo – através da contração ou implosão do espaço-tempo, explica-se de modo “mágico” e sagrado a constituição integral do universo amplo e misterioso. O mito – orgânico, totalizador e estimulador do multisensorial – opõe-se às explicações mecânicas e lineares típicas do racionalismo moderno. Racionalismo e mito opõem-se como meios quente e frio, como cultura tipográfica e cultura eletrônica. Hoje, “nós vivemos miticamente”<sup>10</sup>, ainda que nossos processos mentais tendam ainda a reportar-se ao racionalismo mecanicista.

Enfim, McLuhan constrói um novo mito – o mito da “aldeia global”. Bem aceito no mundo – acadêmico ou não – da Comunicação Social, faz sucesso e atinge até mesmo o senso comum. Trata-se da idéia/ imagem de McLuhan de uma integração global, em que, através da tecnologia midiática eletrônica, todos os seres humanos possam contatar-se de modo integral. Seria a era da simultaneidade instantânea e universal – McLuhan viu na televisão este potencial transformador, humanizador e de reconstrução do comunitarismo. Não teve tempo de ver até onde poderiam ir as experiências com o *Arpanet* (que gerariam a *Internet*), quando talvez seu pensamento pudesse se readaptar para explicar a tecnologia digital e informática, em que a tendência ao simultâneo, instantâneo, multisensorial e universal parece multiplicar-se ainda mais

---

<sup>9</sup> Ibid.

<sup>10</sup> Ibid., p. 41.

que a televisão.<sup>11</sup> De qualquer forma, a alcunha “aldeia global” passou a ser usada mesmo por aqueles que nunca ouviram falar do autor canadense, referendando, em geral ingenuamente, a idéia de que o mundo caminha para uma globalização comunicacional e humana benéfica.

Em seus sonhos, McLuhan parece ter imaginado uma globalização retribalizadora propiciada pelos meios eletrônicos, em que seria gerada não uma miríade de tribos isoladas, mas sim uma única tribo mundial, abarcando todos os homens da face da Terra em relações densas, intensas, integrais, sinestésicas e comunitárias. Porém, talvez desfazendo a rota prevista por McLuhan, mas provavelmente revelando o caráter mais dialético que unifocal das revoluções tecnológicas, o mesmo capitalismo originado durante a Revolução Tipográfica parece tomar as rédeas das tecnologias eletrônicas em suas mãos, do mesmo modo que parece controlar as novíssimas tecnologias digitais.<sup>12</sup> Assim, o mundo da “aldeia global” parece ter constituído-se mais como uma nova era, “globalizada”, do capitalismo – recriando em doses ainda mais universais, em vez de superar, o individualismo possessivo, o consumismo, o domínio tecnológico, o racionalismo instrumental, o tecnicismo, as relações formalizadas de mercado, a insensibilidade com o humano e a fragmentação das culturas não-modernas. Ainda que tenha intuído com habilidade as tendências globalizantes dos meios eletrônicos e a quebra das fronteiras nacionais – no tocante ao mercado e à cultura –, o mundo globalizado não se constituiu como uma “aldeia”, cujas relações humanas, densas e integradoras superariam a alienação dos seres humanos. Em vez disto, parece que continuamos imersos, cada um de nós, em seu próprio campo estreito da razão instrumental e da dominação exercida pelas grandes corporações da política e economia.

### ***Referências Bibliográficas***

BENJAMIN, Walter. “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”, In: Flávio Kothe (org.). *Walter Benjamin*, São Paulo: Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais, p. 45-122, 1985.

COHN, Gabriel. “O meio é a mensagem: análise de McLuhan”, in: Gabriel Cohn (org.) *Comunicação e indústria cultural*, São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1975.

IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*, Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.

<sup>11</sup> Semelhante, por exemplo, ao que faz Pierre Lévy. Ver *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*, Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.

<sup>12</sup> Ver Octavio Ianni. “A aldeia global”, In: *Teorias da globalização*, Rio de Janeiro, 1995.

MCLUHAN, Marshall. 1972. *A galáxia de Gutenberg. A formação do homem tipográfico*, São Paulo: Cia Ed. Nacional e EDUSP.

\_\_\_\_\_. s.d. *Os meios de comunicação como extensões do homem*, São Paulo: Cultrix.